

**PAULA, Aldir Santos de; VITÓRIO, Elyne
Giselle de Santana Lima Aguiar (Orgs.) 30
anos do Programa de Estudos Linguísticos
(PRELIN - PPGLL/UFAL), Volume I, Estudos
em variação e mudança linguística.
Campinas: Pontes, 2023.**

O livro *30 anos do Programa de Estudos Linguísticos (PRELIN – PPGLL – UFAL) – Volume I, Estudos em variação e mudança linguística*, organizado por Aldir Santos de Paula e Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitório, reúne uma série de estudos realizados por pesquisadores do PRELIN (Grupo de Estudos Linguísticos) juntamente com pesquisadores colaboradores do Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas. Lançada pela editora Pontes em 2023 para marcar a comemoração dos 30 anos do PRELIN, a obra é o volume I da série e exhibe estudos que focalizam a variação e mudança linguística. Composto por 14 artigos, o livro proporciona uma rica leitura sobre a descrição de diferentes fenômenos linguísticos variáveis do português brasileiro em diferentes níveis gramaticais, bem como, apresenta abordagem teórica visando contribuir para o ensino de língua e o estabelecimento de políticas linguísticas.

Intitulado *O fenômeno sociolinguístico e suas múltiplas abordagens*, o capítulo 1, de autoria de Aldir Santos de Paula e Melbiany Barros Saraiva, apresenta, de forma panorâmica, três abordagens para os estudos sociolinguísticos. Partindo da relação intrínseca entre língua e sociedade, os

DOL: <https://doi.org/10.18364/rc.2026n70.1467>

autores fazem, inicialmente, uma breve discussão sobre o aspecto social da língua e a sua presença no desenvolvimento da linguística e na constituição da sociolinguística enquanto campo de estudos. Ao destacar o ponto axial da teoria, isto é, a língua dotada de uma “heterogeneidade sistemática”, buscam situar a sociolinguística como ciência, focalizando nas vertentes variacionista, interacional e educacional, explorando questões, pontos relevantes, objetivos e metodologias referentes a cada abordagem.

No capítulo 2, *A influência das variáveis linguísticas contexto precedente e contexto procedente na variação do fonema fricativo alveolodental /s/ na fala dos orocoenses*, Carlos Álack de Lima e Renata Livia de Araújo Santos trazem uma discussão voltada para a variação de ordem fonético-fonológica. Tomando por base os pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística variacionista e selecionando o município de Orocó-PE como comunidade de fala, os autores focalizam o fenômeno de aspiração do fonema fricativo alveolar dental desvozeado [s], com o intuito de mostrar como se dá a variação do mesmo, a partir da análise da atuação de dois fatores linguísticos, a saber: contexto precedente e contexto procedente. No primeiro momento, exploram aspectos fonético-fonológicos e de aspiração, contemplando características do aparelho fonador e as características do fenômeno em estudo. Em seguida, discorrem sobre os procedimentos metodológicos e análise dos dados. Por fim, apresentam os resultados apontando que dentre os fatores considerados para análise, a variável contexto procedente mostra-se como de maior significância e poder de influência para o fenômeno estudado.

O capítulo 3, de autoria de Thamires Marques Pereira e Aldir Santos de Paula, aborda *O processo de palatalização no português brasileiro*. Com foco na palatalização das oclusivas alveolares /t/ e /d/ na cidade de Maceió – AL, os autores buscam descrever quais os traços envolvidos na realização das formas palatalizadas. Para tanto, abordam diferentes perspectivas teóricas sobre a palatalização, tanto do ponto de vista sincrônico quanto diacrônico. Para ampliar a discussão e compreender os processos fonológicos

envolvidos no fenômeno em estudo, os pesquisadores lançam mão da Teoria Autossegmental, de Goldsmith (1976) e a Geometria dos traços, de Clements e Hume (1995), chegando à conclusão de que o traço [coronal] desempenha papel fundamental para realização da palatalização, levando consigo os traços [anterior] e [distribuído].

No capítulo seguinte, *“Muitcho doidjo”: a palatalização progressiva em Alagoas por que*, Almir Almeida de Oliveira e Alan Jardel de Oliveira realizam um estudo investigativo sobre a palatalização progressiva das oclusivas alveolares precedidas pela semivogal /j/. Por ser um fenômeno linguístico com significativa produtividade na região Nordeste, os autores focalizam em seu trabalho a comunidade de fala do estado de Alagoas com intuito de mostrar como se dá a distribuição diatópica do fenômeno nos falares alagoanos, bem como, quais aspectos linguísticos e sociais influenciam no processo de realização. Avançando com a análise dos dados e amparados teórico e metodologicamente na sociolinguística laboviana, a investigação aponta que a ocorrência do fenômeno varia regionalmente, aumentando de oeste para leste e ampliando-se na região nordeste do estado. No que concerne aos aspectos linguísticos, há uma maior probabilidade de realização do fenômeno acontecer quando no interior da palavra.

Palatalização das oclusivas alveolares em contexto anterior de fricativa e semivogal na cidade de Arapiraca – Alagoas é o quinto capítulo da obra. Nele, a autora Aline Bezerra Falcão faz um estudo comparativo do processo de palatalização das oclusivas alveolares em contexto anterior semivogal com a palatalização em contexto de fricativa. Utilizando dados do PORTAL (Projeto Português Alagoano) e lançando mão da sociolinguística variacionista, a autora, por meio da análise comparativa, constata que se configuram como processos diferentes, uma vez que há fatores linguísticos e sociais distintos para cada uma das formas de palatalização em estudo. A palatalização das oclusivas alveolares em contexto anterior é favorecida pelo público masculino, falantes mais velhos, menos escolarizados. A palatalização contexto de semivogal, por sua vez, é favorecida pelas mulheres, o público

mais jovem e desfavorecida pela vogal baixa /a/. Em termos de valoração social, a pesquisa mostra que em contexto anterior, há uma avaliação mais negativa.

O capítulo que segue é de autoria de Elyne Vitório e intitula-se *O tratamento você, ocê e cê sujeito entre estudantes universitários alagoanos*. Com foco na variação pronominal *você, ocê e cê* na posição de sujeito, a autora, no primeiro momento, apresenta os estudos sociolinguísticos na variedade alagoana e como o fenômeno se comporta no estado. Focalizando o problema empírico da restrição, que busca identificar quais fatores linguísticos e extralinguísticos influenciam a realização de um fenômeno, ela recorre à sociolinguística variacionista e considera também a proposta de Brown e Gilman (1960) sobre sistema bidimensional de poder e solidariedade nas relações sociais. Avançando com a análise dos dados, os resultados obtidos pela pesquisadora mostram que, entre universitários alagoanos, a variante *você* é a preferida (84%), sendo usada em qualquer contexto. O *cê*, por sua vez, é usado em contextos vistos socialmente como solidários, igualitários e familiares.

De autoria de Waldenia Maria da Silva, o capítulo sete apresenta uma revisão de literatura sobre *Pronomes de referência a segunda pessoa do singular na função de complemento e adjunto na escrita brasileira do século XIX e XX: uma revisão sistemática*. Nele, Waldenia busca mapear a variação pronominal referente à segunda pessoa do singular nas funções de não-sujeito no português brasileiro em sincronias passadas. A autora realiza, então, uma revisão sistemática, empregando uma metodologia de busca detalhada no google acadêmico a partir do estabelecimento de critérios específicos e etapas criteriosas, que focalizam o fenômeno nos gêneros cartas pessoais e peças teatrais. Concluída a análise do *corpus*, a pesquisadora discorre sobre os resultados obtidos destacando que o uso do *tu* mostrou-se mais frequente, principalmente em contextos morfossintáticos como acusativo. O *você*, por sua vez, teve sua inserção no quadro pronominal de forma progressiva, em contextos de dativos e oblíquos. O subsistema tratamental da forma na posição

de sujeito, o período, geração e subgênero da carta são fatores que também se mostraram influentes na realização do fenômeno em análise.

No capítulo oito, Layane Firmino Silva estuda *A variação pronominal de primeira pessoa do plural na zona rural de Pariconha – AL*. Objetivando analisar a evolução da língua no contexto das relações sociais, a autora, amparada pelos pressupostos teóricos-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança Linguística, busca descrever as realizações dos pronomes *nós* e *a gente* na posição de sujeito e quais fatores linguísticos e sociais condicionam o uso dessas formas na comunidade em estudo. Para compreensão do fenômeno, ela faz um mapeamento das pesquisas já realizadas, percorrendo sobre como o seu objeto de estudo se comporta nas diferentes regiões do Brasil. Utilizando como *corpus* uma amostra de Silva (2020), a análise realizada pela pesquisadora revela que, na zona rural de Pariconha, a variante *a gente* é mais utilizada pelos falantes, com 68% de realizações. Dentre os fatores que condicionam a realização, os dados apontam a faixa etária mais jovem, os diferentes níveis de escolarização, contexto antecedido por *a gente*, formas menos salientes, tempos verbais perfeito, imperfeito e presente, morfema de terceira pessoa do singular e quando o referente está indeterminado.

Andressa Kaline Luna Oliveira Marques e Aldir Santos de Paula realizam, no capítulo nove, uma *Análise sociolinguística da concordância nominal produzida em diferentes regiões alagoanas*. Visando ampliar os estudos sobre o tema, os autores discorrem sobre quais fatores linguísticos e extralinguísticos se correlacionam com a indicação explícita de plural no Sintagma Nominal (SN). Amparados na sociolinguística laboviana, eles analisam uma amostra de fala constituída por informantes representantes de três cidades alagoanas (Maceió, Arapiraca e Delmiro Gouveia), que representam respectivamente as regiões do litoral, agreste e sertão. Com o avançar da análise dos dados, a pesquisa revela correlação da indicação do plural no SN em Alagoas, sendo favorecida em contextos de marcas precedentes, mais salientes, classe gramatical dos determinantes, pessoas

mais escolarizadas. Em relação a localização, as três cidades apresentam comportamentos distintos, sendo a capital alagoana a mais favorecedora.

O capítulo 10, escrito por José Anilton Alves da Silva, focaliza a *Concordância verbal com pronome nós na zona rural de Pariconha – Al.* Nele, o autor, busca verificar se há variação *nós+IPP* e *nós+3PS* e quais fatores condicionadores. Inicialmente, ele realiza um mapeamento das pesquisas realizadas em diferentes regiões do Brasil para compreender a realização do fenômeno. Baseando-se teórico e metodologicamente na sociolinguística variacionista, ferramenta teórica básica para compreensão da variação e mudança linguística em uma comunidade de fala, o autor constitui uma amostra de fala composta por 45 entrevistas, estratificada em três variáveis: sexo/gênero, escolaridade e faixa etária. Empreendida a análise do *corpus*, os dados obtidos revelam uma disputa acirrada entre as formas variantes, com leve predomínio da variante tida como padrão pela sociedade, com 51% de realizações. Os achados da pesquisa mostram que esse resultado não é por acaso, mas condicionado por fatores linguísticos e sociais, de modo que a variante *nós+IPP* é mais favorecida pelo os falantes com maior escolaridade, no tempo pretérito perfeito, quando as formas verbais anteriores apresentam marcas de primeira pessoa do plural e quando as formas verbais são mais salientes.

Hipercorreção na escrita de escolares é o decimo primeiro capítulo da obra. Nele, as autoras Cinthya Feitosa Pacheco, Priscila Rufino da Silva Costa e Liliane Correia Toscano de Brito Dizeu trazem um discursão afim de descrever de forma científica a hipercorreção presente na escrita de crianças com desenvolvimento típico de linguagem, de uma escola pública em Maceió. Para o desenvolvimento do estudo, tomam como base teórica os fundamentos da sociolinguística variacionista, bem como, outros estudos já realizados, a saber, Simioni e Noble (2015) e Bohn e Souza (2017). De modo claro e objetivo, traçam um breve panorama sobre a realização do fenômeno na escrita do português brasileiro. Utilizando como ferramenta metodológica a pesquisa qualitativa, descritiva e transversal, a análise empreendida pelas

autoras aponta que a hipercorreção ocorre em contextos de troca de letras (*u* por *l*) e recuperações incorretas de letras finais em palavras, também o sexo e o ano escolar do aluno podem influenciar. Por fim, as pesquisadoras destacam a necessidade de estudos que descrevam de forma minuciosa a temática abordada, principalmente com relação aos fatores linguísticos.

O capítulo 12, *Variação linguística: o aluno está preparado para isso?*, de Thomaz Santos Lima e Eliane Vitorino de Moura Oliveira, aborda a complexa relação entre variação linguística e seu ensino nas escolas. Os autores iniciam o texto discorrendo sobre a persistência do mito da homogeneidade linguística e o tabu existente em relação a concepção de língua heterogênea e suscetível a mudanças. Fundamentados na sociolinguística laboviana, Thomaz e Eliane fazem uma breve discussão sobre variação, crenças e atitudes linguística, apresentando em seguida, os procedimentos metodológicos e análise de atividades desenvolvidas a partir da chamada variedade *rurbana*. O *corpus* analisado revela que os discentes ainda estão “presos” ao senso comum, perpetuando crenças e atitudes de que o modo como falam é feio, errado, visto como negativo. Ao olhar os dados obtidos, os pesquisadores enfatizam e reforçam a importância de uma educação linguística que vá além do ensino da norma-padrão, isto é, que também reconheça e valorize outras variedades da língua, mostrando que, não há variedade inferior, de forma a conscientizar os alunos sobre a diversidade linguística.

Com foco na variabilidade linguística, Maria Helena Menezes de Souza propõe, no capítulo 13, *A sociolinguística e a educação quilombola*, uma reflexão sobre a variação, como ela é socialmente entendida e quais implicações na educação quilombola. Um ponto fundamental exposto pela autora logo no início do texto é que a variação é inerente ao sistema linguístico e pode ocorrer em diferentes níveis (lexical, fonológico, morfológico, sintático, etc.). Para embasar a discussão proposta, ela adota a sociolinguística variacionista, discorrendo sobre os principais pontos da teoria, os primeiros estudos realizados no Brasil, a questão do preconceito linguístico e a estigmatização. Em seguida, de maneira crítica e reflexiva, Maria Helena

discorre sobre a variação no dialeto dos afrodescendentes, delineando um panorama que perpassa a relação entre a colonização e a imposição da língua portuguesa, que teria levado a uma hierarquia linguística, o português afro-brasileiro e o contanto linguístico ao longo da história do nosso país. Por fim, a autora, a partir da sociolinguística educacional e documentos oficiais (PCN e BNCC), tece pontos sobre a importância do estudo da variação linguística para uma educação que desperte para uma consciência sociolinguística, valorizando e reconhecendo todas as variedades da língua, combatendo assim os estigmas e preconceitos.

Políticas Linguísticas: para um inventário do patrimônio linguístico do Brasil, de autoria de Antônio Félix de Souza Neto e Ricardo Nascimento Abreu, é o último capítulo do livro. Nele, os autores apresentam um panorama abrangente e crítico das políticas linguísticas no Brasil, desde o período colonial até os dias atuais e trazem à tona a complexa relação entre língua, poder e sociedade, destacando o papel fundamental das políticas linguísticas na construção e manutenção de desigualdades sociais. Com uma riqueza de detalhes históricos e teóricos, abordam diferentes perspectivas sobre o campo da Política Linguística (PL). De forma clara e concisa, discorrem sobre principais conceitos e modelos de políticas linguísticas, trazem para discussão ideias de diferentes teóricos e estudiosos da área. Com o avanço da análise histórica, os autores propõem a realização de um inventário do patrimônio linguístico do Brasil, como forma de reconhecer e valorizar a diversidade linguística do país. Esse inventário, segundo os autores, deveria contemplar não apenas as línguas indígenas, mas também as variedades do português faladas no Brasil e as línguas de imigrantes.

Em face do exposto, podemos dizer que o livro organizado pelos professores doutores Aldir Santos de Paula e Elyne Vitória configura-se como uma obra de grande relevância social e para os estudos linguísticos. Com uma apresentação clara e objetiva, as pesquisas apresentadas possibilitam o entendimento de diversos fenômenos linguísticos (fonéticos/fonológicos, morfológicos, morfossintáticos, etc.), muitas vezes estigmatizados no âmbito

social, bem como, contribuem para o mapeamento das variedades do português brasileiro e para práticas de ensino a partir da variação linguística, ampliando, assim, a percepção sobre a dinamicidade e heterogeneidade da língua. Dessa forma, a obra além de contribuir para a valorização da diversidade linguística, possibilita a divulgação da ciência linguística e a investigação contínua, visto que, instiga e pode suscitar novos questionamentos para realização de estudos futuros e o desenvolvimento da pesquisa sociolinguística.

José Anilton Alves da Silva
Universidade Federal de Alagoas
alves.anilton@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-6807-6237>

João Carlos Paiva Xavier
Universidade Federal de Alagoas
joao.xavier@fale.ufal.br